

CONSTRUÇÃO DA DOUTRINA DA TRINDADE COM A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS CAPADÓCIOS E SUA APLICAÇÃO NA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Denilson Homem de Campos¹¹

RESUMO

A proposta da investigação procura descrever, com base na abordagem qualitativa do tipo bibliográfica e descritiva, aspectos importantes sobre a elaboração e a consolidação da doutrina da Trindade, ao longo dos quatro primeiros séculos da era cristã, com ênfase na contribuição dos pais capadócios. A primeira seção tratou da concepção do modelo trinitário econômico (Trindade Econômica), nos séculos I e II. A segunda seção trouxe a contribuição dos pais capadócios para a concepção trinitária imanente (Trindade Imanente) e a consolidação da doutrina da Trindade nos concílios de Nicéia e Constantinopla, no século IV. A terceira seção mostra a aplicação da doutrina da Trindade como modeladora da prática de oração, adoração, comunhão comunitária e construção de identidade cristã. Concluiu-se, dessa maneira, que a revelação do Deus Triúno molda os relacionamentos com o Criador, com o próximo e com a criação, além de nortear a relação do cristão consigo mesmo. Os principais referenciais da pesquisa foram McGrath e Meyendorff, sobre o tema Trindade, e Howard, a respeito de espiritualidade cristã.

Palavras-chave: Trindade; Pais capadócios; Trindade Econômica; Trindade imanente.

INTRODUÇÃO

A proposta da investigação visa descrever aspectos importantes da construção e consolidação da doutrina da Trindade, ao longo dos quatro primeiros séculos da era cristã. Nesse período, a Igreja se deparou com reflexões internas e com ideias heréticas que conduziram ao amadurecimento da concepção cristã a respeito da natureza divina. A seguinte questão norteará o desenvolvimento das três seções seguintes do artigo: como se deu o desenvolvimento da doutrina da Trindade, com a contribuição dos pais capadócios, e qual foi sua influência na prática da espiritualidade cristã?

Ressalta-se que a concepção de Deus, a partir da correta apreensão de sua revelação, é fundamental para o desenvolvimento de uma espiritualidade saudável. Isso remete à importância de se compreender tanto a dinâmica interpessoal existente

¹¹ Mestrando em Teologia pela Fabapar – Faculdades Batista do Paraná, Bacharel em Filosofia Pela UniSul – Universidade do Sul de Santa Catarina. ORCID: 0009-0003-2893-8121. E-mail: campos.denilson@gmail.com

entre Pai, Filho e Espírito Santo quanto a participação de cada uma das pessoas divinas nos processos de criação, redenção e santificação. Nesse sentido, a investigação procura contribuir com a edificação dos cristãos na busca por um relacionamento maduro com Deus, com o próximo e consigo mesmo.

As principais referências utilizadas na pesquisa foram os escritos de McGrath e Meyendorff sobre o tema Trindade e de Howard a respeito de espiritualidade cristã. No entanto, ideias de outros autores também foram trazidas no texto. A pesquisa em pauta segue uma abordagem qualitativa do tipo bibliográfica e descriptiva.

1. O INÍCIO DA ELABORAÇÃO DA DOUTRINA TRINITÁRIA NOS SÉCULOS I E II DA ERA CRISTÃ

A concepção trinitária da pessoa de Deus é um dos elementos que tornam o cristianismo radicalmente diferente de outras religiões monoteístas, inclusive aquelas que também possuem origem abraâmica - Judaísmo e Islamismo. A doutrina da Trindade tal como é conhecida pode ser sintetizada da seguinte maneira: Deus é três pessoas, cada uma dessas pessoas é plenamente Deus e há um só Deus (Grudem, 1999, p. 169). A elaboração da doutrina, no entanto, remonta aos primórdios do cristianismo, como descrito nos parágrafos deste tópico.

Observando o desenvolvimento histórico, conforme registrado por McGrath, a doutrina da Trindade pode ser vista como resultado de um processo de reflexão, sustentada e crítica, sobre o padrão da atividade divina revelada nas Escrituras e continuada na experiência cristã. Isso não quer dizer que as Escrituras contêm uma doutrina da Trindade; ao contrário, as Escrituras dão testemunho de um Deus que exige ser entendido de maneira trinitária (McGrath, 1999, p. 48). Esse desenvolvimento doutrinário está organicamente relacionado ao aprofundamento da compreensão cristã da identidade e do significado de Jesus, especialmente com referência à doutrina da encarnação.

Dessa forma, embora haja indícios da pluralidade divina nas Escrituras Hebraicas, a concepção trinitária emergiu preliminarmente a partir do relacionamento dos discípulos com Jesus Cristo e da reflexão dos cristãos sobre a forma que passaram a vê-lo como Mestre e Senhor.

Os discípulos reconheceram a divindade de Cristo ao ouvirem seus ensinamentos, contemplarem suas obras, identificarem Jesus como pessoa humana

e divina, além de testemunharem sua morte, ressurreição e assunção aos céus. Todos os aspectos dessa experiência com Jesus apontaram e confirmaram a natureza do homem por excelência, que era “um com o Pai” (Jo 10.30, NVI).

Nesse sentido, o reconhecimento da plena divindade de Cristo pode ser visto como um marco no caminho para a doutrina da Trindade. Ficava cada vez mais claro para a Igreja o consenso de que Jesus era “da mesma substância” (όμοούσιος - Homoousios) que Deus, em vez de apenas “de substância semelhante” (όμοιούσιος - Homoiousios) (McGrath, 1999, p. 48). No entanto, a partir da concepção divina de Jesus, depreende-se duas possibilidades: a existência de dois Deuses ou a necessidade de um aprofundamento radical sobre a natureza de Deus. Assim, quanto mais certa a igreja se tornava sobre o fato de que Cristo era Deus, mais se enfatizava a necessidade de esclarecer como Cristo se relacionava com Deus, o Pai.

De forma similar, como Howard observa diante da experiência com a iluminação, empoderamento e unidade recebidos do Espírito Santo, os discípulos de Jesus aprenderam e reconheceram que o Espírito era igual em divindade ao Pai e ao Filho (Howard, 2018, p. 119). Nesse sentido, pistas da adoração trinitária por parte dos cristãos remontam ao primeiro século e são encontradas nas páginas do Novo Testamento, em passagens como: Mateus 28.19 e 2 Coríntios 13.14, além de 1 Coríntios 12.4-6, 2 Coríntios 1.21-22, Gálatas 4.6, Efésios 2.20-22, 2 Tessalonicenses 2.12-14, Tito 3.4-6, 1 Pedro 1.2.

No segundo século, Irineu de Lyon (130-200 d.C.) entendeu que todo o processo de salvação, desde o início até o fim, testemunhava a ação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. McGrath assinala que Irineu fez uso de um termo que aparece com destaque na discussão futura sobre a Trindade: a economia da salvação. A palavra grega para economia (*oikonomia*) significa basicamente a maneira pela qual os assuntos de alguém são tratados e ordenados. Assim, para Irineu, a economia da salvação significa a maneira pela qual Deus ordenou a salvação da humanidade na história (McGrath, 1999, p. 48-49). Dessa elaboração surgiram os chamados modelos econômicos ou cognitivos para expressar a realidade do Deus Triúno revelado nas Escrituras Sagradas.

McGrath (1999, p. 49) prossegue trazendo o exemplo da oposição oferecida pelo gnosticismo, encontrado, dentre outros personagens, na figura de Marcião (falecido por volta de 160 d.C.), que sustentava que o deus do Antigo Testamento era

um deus criador e totalmente diferente do deus redentor do Novo Testamento. Como resultado, o Antigo Testamento deveria ser evitado pelos cristãos, cuja atenção deveria se concentrar nas concepções neotestamentárias.

Por conseguinte, Irineu rejeitou vigorosamente a ideia gnóstica. Ele insistia que todo o processo de salvação, desde o primeiro momento da criação até o último momento da história, era obra de um único e verdadeiro Deus. Com isso, havia uma só economia de salvação, na qual o único Deus - que era tanto criador quanto redentor - trabalhava para redimir sua criação (McGrath, 1999, p. 49).

Vê-se, portanto, que a ideia de Trindade econômica se fundamenta no plano eterno de redenção arquitetado e implementado por Deus em benefício da humanidade e de toda a criação. Essa concepção econômica, longe de ser mero escrutínio teológico, preocupa-se em explicar a complexa experiência de salvação vivenciada pelo ser humano. Observa-se que além desse modelo outros foram elaborados e contribuíram para a consolidação da doutrina trinitária, a exemplo do que será tratado no próximo tópico.

2. A CONSOLIDAÇÃO DA DOUTRINA DA TRINDADE E A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS CAPADÓCIOS

Em paralelo à economia trinitária, observa-se a construção de diferentes modelos com o objetivo de auxiliar a apreensão da visão divina, contemplando simultaneamente unidade e pluralidade. Uma vez que se conhece Deus a partir do que ele revela de si, o propósito geral dessas elaborações não foi definir conclusivamente a concepção de quem é Deus, uma vez que é impossível ao ser humano compreendê-lo em sua completude. Procurou-se, no entanto, estabelecer fronteiras para a reflexão, adoração e prática cristã, de modo a evitar distorções que levassem as pessoas para longe da revelação divina, afastando-as da verdade e da comunhão com Deus.

A base da teologia trinitária posterior aos dois primeiros séculos da era cristã teve substancial contribuição dos chamados pais capadócios, no século IV. Eles foram um trio de teólogos bizantinos: Basílio Magno (330-379 d.C.), bispo de Cesareia, irmão de Gregório (335-395 d.C.), bispo de Nissa, e amigo de Gregório de Nazianzo (329-390 d.C.), patriarca de Constantinopla.

O fio condutor da construção trinitária dos pais capadócios continuou centrado na soteriologia. Como exemplificado por Meyendorff, o trio defendia a confissão de que Jesus tinha em si a plenitude da divindade e que a encarnação era essencial para o ato redentor planejado pelo Pai. Sobre o Espírito Santo, sustentavam que ele é totalmente Deus, pois, caso contrário, ele seria incapaz de conceder santificação ao ser humano. Por isso, a doutrina capadócia da Trindade tem por fundamento a manutenção das pressuposições cristológicas e pneumatológicas do modelo econômico anteriormente estabelecido: o Logos encarnado e o Espírito Santo são encontrados e experimentados primeiro como agentes divinos da salvação, e somente então eles também são descobertos como sendo essencialmente um só Deus (Meyendorff, 1987, p. 180).

No entanto, a consolidação de dois conceitos encontrados nos escritos capadócios do quarto século foi essencial para o amadurecimento da doutrina da Trindade. Trata-se das ideias da interpenetração mútua (*περιχώρησις* - *Perichoresis*) e da apropriação. Embora esses conceitos tenham sido aprimorados no quarto século, na época dos concílios de Nicéia (325 d.C.) e Constantinopla (381 d.C.), quando foram aprofundados principalmente por Gregório de Nissa, eles são inquestionavelmente sugeridos desde as proposições de Irineu e Tertuliano, no século II (McGrath, 1999, p. 50).

Perichoresis é o termo grego correspondente à forma latina *circumincessio*. Refere-se à maneira pela qual as três pessoas da Trindade se relacionam entre si com mútua interpenetração de vida. O conceito admite ao mesmo tempo a manutenção da individualidade e do pleno compartilhamento de vida entre as pessoas da divindade. Uma imagem frequentemente usada para expressar essa ideia é a de “uma comunidade perfeita de seres”, na qual cada pessoa, embora mantenha sua identidade distinta, inter-perpassa nas outras (McGrath, 1999, p. 50). Lewis coloca essa realidade trinitária da seguinte forma:

Deus não é um ente estático - nem mesmo uma pessoa estática - , mas uma atividade pulsante e dinâmica; é uma vida dotada de grande complexidade interna. E quase - por favor, não me julguem irreverente - como uma dança. A união entre o Pai e o Filho é algo tão vivo e concreto que ela mesma é também uma pessoa. [...]. Aquilo que nasce da vida conjunta do Pai e do Filho é uma pessoa real; é, com efeito, a terceira das três pessoas de Deus (Lewis, 2005, p. 60).

Dessa forma, a *Perichoresis* retrata as pessoas divinas em sua coinerência, como Jesus expressa com relação ao Pai e ao Espírito: “Eu estou no Pai e o Pai em mim” (Jo 14:11 - NVI); “o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome [...], que eu enviarei a vocês da parte do Pai [...], ele testemunhará a meu respeito” (Jo 14.26, 15.26 - NVI). A *Perichoresis* divina expressa o amor perfeito que leva à completa harmonia, mantendo a identidade de cada uma das pessoas, sem qualquer coalescência.

Da ideia de *Perichoresis* nasceu o conceito de apropriação. Em termos doutrinários, a apropriação afirma que as obras divinas são uma unidade, na qual cada pessoa da Trindade está envolvida em cada ação externa de Deus (Mcgrath, 1999, p. 50). Com isso, embora uma pessoa se destaque em determinada ação, todas participam efetivamente da realização da tarefa. Assim, a criação é obra do Pai, mas a Palavra e o Espírito atuaram em conjunto. A redenção é obra do Filho, mas com a participação do Pai e do Espírito. A santificação é obra do Espírito Santo, contudo, o Pai e o Filho estão presentes nela.

Com a consolidação desses conceitos, heresias como o arianismo e o modalismo foram superadas. Em linhas gerais, o arianismo (séc. IV) negava a divindade de Cristo, ao dizer que ele não possuía a mesma natureza de Deus, sendo apenas criatura, ainda que superior aos seres humanos. O modalismo (séc. III) argumentava que Deus poderia ser considerado como existindo em diferentes “modos de ser” em diferentes pontos da economia da salvação, de modo que, em um ponto, Deus existia como Pai e criou o mundo; em outro, Deus existia como Filho e o redimiu (McGrath, 1999, p. 50).

Assim, os ensinamentos da Capadócia sobre a natureza e a ação de Deus Pai, Filho e Espírito Santo foram aceitos pelos cristãos do Oriente e do Ocidente (Hopko, 1985, p. 260-261). Essa contribuição não apenas tratou da divindade em seu relacionamento com o mundo criado – Trindade econômica –, particularmente com as pessoas humanas feitas à sua imagem e semelhança, mas também da divindade em sua comunhão eterna – a Trindade imanente –, como se tornou conhecida. Importante salientar, entretanto, que ambos os modelos tratam sobre uma única essência divina (οὐσία - Ousia), um único Deus: a Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa (Rahner, 2001, p. 22).

Observa-se, ainda, que, por ressaltar a relação interior entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, as elaborações capadócias servem de base para os chamados modelos trinitários imanentes ou sociais. A compreensão do Deus Triúno que se revela ao ser humano é fundamental para delinear práticas cristãs saudáveis, como exemplificado na seção seguinte.

3. PRECEITOS DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ ORIUNDOS DA DOUTRINA DA TRINDADE

A espiritualidade cristã, entendida de forma geral como o relacionamento com a divindade transcendente e as transformações oriundas dessa comunhão, baseia-se na revelação da pessoa de Deus (Howard, 2018, p. 15-16). A partir da iniciativa divina de alcançar o ser humano, a humanidade pode conhecer em certa medida o Criador de forma cognitiva, relacional e transformadora. Em consequência de Deus se revelar como divindade triúna, a doutrina da Trindade se tornou um fundamento para a espiritualidade cristã, uma vez que esta abrange toda a vida humana diante do Pai, por meio de Cristo, no poder transformador da presença do Espírito Santo (Scorgie, p. 27).

O fato de a Trindade se apresentar como fundamento da espiritualidade cristã não se trata de mera especulação ou de simples artifício teológico para enfrentar heresias, mas do pilar sobre o qual repousa a construção da fé experienciada na comunhão com o Deus Triúno. Dessa forma, a doutrina da Trindade, em última análise, não é o ensinamento sobre a natureza abstrata de Deus nem sobre o ser isolado de Deus, mas o ensinamento sobre a vida de Deus conosco e a nossa vida com o próximo, fornecendo assim um modelo para os relacionamentos cristãos (Maidment, 2020, p. 127).

Nesse sentido, a doutrina da Trindade modela os relacionamentos humanos com Deus, consigo mesmo e com o próximo. O relacionamento com Deus será abordado na sequência em termos de oração e adoração; o relacionamento interpessoal será visto com base na comunhão comunitária; enquanto o relacionamento intrapessoal, a partir da construção da identidade.

Basílio de Cesárea, em sua obra sobre o Espírito Santo, defende a divindade do Espírito e sua co-igualdade com o Pai e o Filho, diante da formulação construída pela igreja a respeito da oração e da adoração a Deus, o Pai, por meio de Cristo, no

Espírito. Basílio argumenta que toda a atividade de Deus na criação, redenção e santificação ocorre por meio do Filho e no Espírito (Basílio de Cesareia, 2014, p. 86-87, 102-104). Diante disso, a compreensão cristã da adoração e da oração geralmente é construída em torno de uma estrutura trinitária.

Dessa perspectiva, adoração e oração não devem ser vistas como uma atividade puramente humana, mas como o mover do Espírito Santo, estimulando a pessoa a se voltar para Deus, de acordo com os ensinamentos e o exemplo de Cristo. O Novo Testamento fala da capacitação que o Espírito de Deus concede para se clamar “Aba, Pai” (Rm 8.15-16) e para se confessar o Filho e o Pai (1 Jo 4.2). O paradigma da Trindade Imanente contribui essencialmente para a construção de uma comunidade harmônica de iguais, unida por um vínculo de amor. Essa abordagem está particularmente associada à noção de *Perichoresis* (McGrath, 1999, p. 52). O amor de Deus pela criação reflete um amor mútuo eterno existente dentro da própria divindade, que se revela como base para relacionamentos interpessoais saudáveis, respeitosos e funcionais. Assim as comunidades cristãs devem ser edificadas: com sujeição mútua e desejo primário de servir guiando as atitudes de todos.

Os relacionamentos saudáveis com a divindade e com o próximo, modelados pela Trindade, formarão a identidade essencial do ser humano, elemento basilar para o tratamento intrapessoal. Como afirma Souza (ano, p.?):

É na relação de transcendência, imanência e transparência que nos descobrimos como pessoas. É neste universo que envolve nossas relações com Deus, com o próximo e conosco mesmos que encontramos nossa verdadeira identidade humana e cristã; é no encontro com Deus e o próximo que experimentamos o poder transformador e reconciliador do amor. [...] À medida que nos abandonamos nas mãos de Deus, nossa identidade passa a ser uma responsabilidade dele e não mais nossa. Eu sou quem sou, não pelo fato de não ser você, nem mesmo pela comparação que desde cedo faço em relação aos outros, mas porque sou único diante de Deus e é somente na presença dele que me descubro verdadeiramente. A partir daí, a identidade pessoal do homem não é afirmada pelo que faz ou tem, mas pelo que é na relação com o outro. É assim que a Trindade vive, é assim que as pessoas na Trindade definem sua identidade.

Nesse sentido, a participação humana no mistério triúno divino (Jo 17.20-21) propicia a vivência “dentro de uma tríplice dimensão: da transcendência, da imanência e da transparência” (Boff, 2014, p.46). Primeiramente, o ser humano lança o olhar para o alto, à procura do Criador, numa busca pelo transcidente. Esse é o caminho da descoberta da verdadeira fonte de vida, aceitação, amor e paz. O encontro com a

revelação do Deus Triúno gera sentido eterno à existência. Na imanência, o ser humano percebe a si mesmo, o próximo e toda a criação. Na transparência, entende-se quem se é e quem é o outro, firmando as identidades pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a doutrina da Trindade foi inicialmente elaborada ao longo de quatro séculos, tendo sua formulação consubstanciada no credo Niceno-Constantinopolitano. A base da elaboração foi a revelação de Deus por meio das Escrituras Sagradas e por meio da encarnação divina na pessoa de Jesus Cristo. Desde o começo, a convicção incipiente sobre a doutrina serviu para refutar heresias, mas, sobretudo, foi fundamental para a edificação cristã e o desenvolvimento saudável da igreja.

A economia divina pautou o início da estruturação doutrinária, com a identificação clara da participação do Pai, do Filho e do Espírito Santo nos eventos concernentes à criação, redenção e santificação. No entanto, a partir disso, a contribuição dos pais capadócios, com a ideia de Trindade imanente, foi essencial para a apreensão de aspectos da dinâmica relacional das pessoas divinas. Tais aspectos devem moldar precipuamente os relacionamentos cristãos e a vida prática, como por exemplo, na oração, na adoração, na comunhão comunitária e na construção da identidade.

Tópicos referentes a debates sobre a doutrina da Trindade ocorridos após o quarto século não foram abordados nesta investigação e podem ser objeto de pesquisas futuras. Além disso, pode-se aprofundar os estudos a respeito das obras de alguns pais da igreja, tais como Irineu, Tertuliano, Agostinho e os pais capadócios, em especial Basílio de Cesareia, que trataram da temática abordada no artigo.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO DE CESAREIA. **Tratado sobre o Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 2014.

BOFF, Leonardo. **A trindade e a sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HOPKO, Thomas. **The Trinity in the Cappadocians**. In: McGINN, Bernard and MEYENDORFF, John (org.). **Christian Spirituality**: origins to the twelfth century, New York: Crossroads, 1985.

HOWARD, Evan B. **A guide to Christian spiritual formation**. Grand rapids-MI: Baker Academic, 2018.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAIDMENT, Ross J. **God for us**: reclaiming LaCugna's contribution for the church. In: MPhil Thesis, Cardiff University, 2020. Disponível em: <https://orca.cardiff.ac.uk/id/eprint/140853/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

McGRATH, Alister. **Christian Spirituality**: an introduction. Maiden: Blackwell Publishing, 1999.

MEYENDORFF, John. **Byzantine Theology**: Historical Trends and Doctrinal Themes. New York: Fordham University Press, 1987.

RAHNER, Karl. **The Trinity**. New York: Burns&Oats, 2001.

SCORGIE, Glen G. **Dictionary of Christian Spirituality**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.